

Revista

FAMECOS

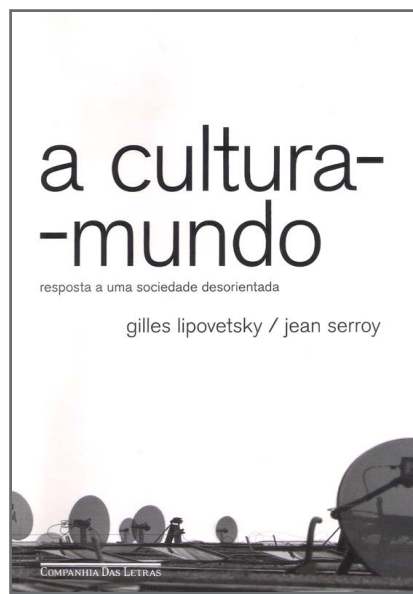
mídia, cultura e tecnologia

Resenha

A desforra da cultura

Juliana Tonin

Professora, recém-doutora (PNPD), no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS/RS/BR. juliana.tonin@pucrs.br



LIPOVETSKY, Gilles; SERROY Jean.

A Cultura-mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Gilles Lipovetsky, filósofo, pesquisador e professor da Universidade de Grenoble, autodefine-se como “um filósofo extraviado”. Sua obra é pluritemática e suas ideias dificilmente não promovem polêmicas. O interesse por fenômenos como o da moda, as tramas do luxo, do consumo, da publicidade, levaram-no, como confessa, a dedicar-se a disciplinas universitárias inclassificáveis dentro da filosofia, pois seus objetos de estudo são caminhos, declara, pelos quais a “filosofia não costuma ter muita estima”.

Ao longo de sua trajetória, Lipovetsky publicou diversos livros, entre eles, *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, no qual apresentou suas primeiras noções sobre o que intitulou como a terceira fase da modernidade. A partir dessa obra, o autor passou a organizar, atualizar e conceituar suas noções em produções como *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, *O Luxo Eterno: da Idade do Sagrado ao Tempo das*

Marcas, *A Sociedade Pós-Moralista*, *Metamorfoses da Cultura Liberal*, *A Felicidade Paradoxal*, *Os Tempos Hipermodernos*, *Tela Global* e *A Sociedade da Decepção*.

Lipovetsky, em todas as questões que analisa, debruça seu olhar nas metamorfoses contemporâneas e nos paradoxos que insurgiram através delas, aproximando-se de uma espécie de diagnóstico do mundo contemporâneo. Entretanto, é um juízo desprovido de um objetivo inserido na lógica do dever ser.

O livro *A Cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, lançado em fevereiro de 2011 pela editora Cia das Letras, vem pontualmente desmentir a sentença anterior. Centrado na temática da cultura e seu devir contemporâneo, Lipovetsky, em parceria com Jean Serroy, também professor da Universidade de Grenoble, vasculha as diversas facetas que promovem um novo estar da cultura e se aventura na crítica e indicação de possíveis caminhos a seguir para neutralizar os gargalos.

Para acessar o pensamento de Lipovetsky, em quaisquer de suas obras, vale mencionar um ponto central: os tempos atuais são, para ele, hipermodernos. Ou seja, os entraves que impediam a plenitude da emancipação individual foram rompidos e, com isso, entrou-se na era da excelência da modernidade.

Assim, pode-se dizer que o prefixo da sociedade atual, para ele, é o hiper. E dele derivam as mais diversas constatações: hiperindividualismo, hiperconsumo, hipertecnização, hipermercado, hipermitologia e, como analisa em *A Cultura-mundo*, hipercultura.

Conforme Lipovetsky e Serroy, três foram as fontes para que à cultura pudesse ser acrescentado esse prefixo: superabundância de produtos, obscenos índices de produção, circulação e recepção de imagens e, por fim, o derramamento de informações de todas as ordens, em todo tempo, provindas de qualquer espaço. Essa tríade, segundo os autores, fez eliminar as fronteiras e apagar as antigas dicotomias (p. 7):

Economia / Imaginário
Real / Virtual
Produção / Representação
Marca / Arte
Cultura comercial / Alta Cultura

A constatação do fim das dicotomias é tema recorrente em diversos autores que, de certa maneira, ressentem do fim de um universo legível, organizado e bem polarizado entre bem e mal, palco e platéia, sujeito e objeto, direitos e deveres, esquerda e direita e, ao extremo, homem e mulher, entre tantos outros. Em teses apocalípticas, muitos autores mostram seu desconforto diante da multiplicação de valores, crenças, direitos, objetos, outros.

Gilles Lipovetsky não é um autor apocalíptico. Mas, nesta obra recentemente escrita com Jean Serroy, é possível farejar indícios contrários às suas obras anteriores. Se, anteriormente, apresentava exaustivamente os ganhos obtidos na era do hiperindividualismo hipermoderno, mas relativizava seu discurso pela confissão das incontestáveis perdas, o que gerava, conclusivamente, uma espécie de equilíbrio positivo, agora o tom é ligeiramente diferente. Em se tratando de cultura, a investigação corre atrás, mas não consegue argumentar positivamente sobre o seu novo status. Tem-se, assim, um livro longe do caminho do meio, mais fiel à confissão de sua tese inicial: a cultura-mundo é a resposta a uma sociedade desorientada.

Assim, os ganhos obtidos com o fim da sociedade compartimentada não aparecem de forma natural, objetiva, direta e segura em *A Cultura-Mundo*.

As reconhecíveis e compreensíveis pacotilhas: alta cultura/baixa cultura; cultura antropológica/cultura estética; cultura material/cultura ideológica, mesmo que intensamente discutidas e polemizadas, segundo Lipovetsky e Serroy, não estão mais na aldeia. Na *global village*, estão combalidas. O que se oferece em contrapartida são *commodities*: cultura tecnocientífica, cultura de mercado, cultura do indivíduo, cultura midiática, cultura das redes, cultura ecologista. Esses pólos, como escrevem os autores, constituem as “estruturas elementares” da *cultura-mundo*.

Para os autores, a cultura não pode mais ser considerada, como escrevem, “uma superestrutura de signos, com o aroma e a decoração do mundo real”. Ela se tornou a cultura-mundo, a cultura do “tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais” (p. 7).

A cultura é, essencialmente, algo concreto, identificável e territorial. Ou seja, em diferentes povos podem ser observados fatos da vida cotidiana, formas de organização da sociedade, dos costumes, etc. Além dessa apreensão antropológica, tem-se uma possibilidade de leitura da cultura através das obras produzidas no teatro, literatura, música, artes plásticas, entre outros. O que se percebe em *A Cultura-Mundo* é a tentativa dos autores de mostrar que estas definições de cultura já não são mais possíveis. Contudo, não se trata do aprimoramento ou discussão do conceito de cultura, mas da constatação de uma prática cultural que não se encaixa mais nessas premissas.

Os fenômenos que desencadeiam a metamorfose da cultura são apresentados objetivamente pelos autores: em primeiro lugar, houve o “desenvolvimento da dimensão econômica da cultura: a cultura é pensada em termos de mercado”. Em segundo lugar, “eliminaram-se as fronteiras simbólicas que hierarquizavam a alta e a baixa cultura, a arte e o comercial, o espírito e o

divertimento. É a vez do ‘tudo-cultural’”. Em último lugar “as reivindicações identitárias como fundamento dos conflitos territoriais, as apostas geopolíticas”.

Em síntese, trata-se de um sistema de valores e mitos que não provém mais do cotidiano, lugar, por excelência, constitutivo e representativo da cultura. Agora, na era da *cultura-mundo*, essas instâncias são alimentadas pela mercadoria. É a culturalização da mercadoria: as marcas, ou hipermercadas, como os grandes totens através do qual se comungam sentidos. Reflexão bastante debordiana pelo seu pesar crítico e constatação de perda de uma “verdade cultural”. Agora, é o mundo material um dos agentes na construção de identidade, estilo, moda, hábitos. Resumindo, o mercado oferece o simbólico devidamente enalacrado em cada produto.

Esse ponto de vista não se diferencia de outros posicionamentos teóricos, principalmente os críticos da indústria cultural, escritos a partir da segunda metade do século passado. Questiona-se, então, o que há de inovador ao pensamento a partir da constatação e apresentação de uma *cultura-mundo*?

Pode-se pensar que não se trata simplesmente de constatar o tão famigerado devir mercadoria do mundo, ou devir mercadoria da cultura, mas de associar a este pesar as dimensões planetárias a que este fenômeno se enraizou.

Para os autores, a ideia de uma *cultura-mundo* não é um acontecimento recente, mas uma construção com origens desde a Grécia antiga. Desde então, exalta-se:

“ [...] a unidade do gênero humano, os valores de liberdade e de tolerância, de progresso e de democracia. Uma cultura-mundo que se identifica com um ideal ético e liberal, com um humanismo universal que se recusa a ver nos outros povos figuras inferiores e considera o amor pela humanidade superior ao amor pela cidade (Lipovetsky, Serroy, 2011, p. 9).

Atualmente, estes ideais encontram, para sua realização, um mercado, um espaço e um tempo mundialmente partilhados. Mas as facetas do capital, do consumo e do ciberespaço subvertem a noção de cidadão do mundo. Tem-se, em troca, a noção de mundo sem fronteiras. O pólo gerador de cultura não é mais o do sujeito inserido em sua comunidade, mas o do mundo que se oferece à consumo. E como resultado desse processo surge o homem: “sozinho com a vida”.

Num mundo sem fronteiras, o homem tem *mais* imagens, informações, objetos, acessos, mas, o que parece ser a questão central do livro, tem *melhor*? Os homens, no mundo hipermoderno, na questão específica da cultura, segundo Lipovetsky e Serroy, não têm *melhor*. Isso porque o

hiperindivíduo hipermoderno está desorientado, inseguro, desestabilizado, e, destacam, de maneira estrutural e crônica. Essa é, segundo os autores, a grande novidade trazida pela *cultura-mundo*. Como explicam, em nenhuma sociedade anterior o homem deixou de confiar na ordem do mundo e na segurança de que todos marchavam para um lugar melhor. Hoje, os princípios seguidos pelas pessoas não passam daqueles indispensáveis para se organizar o presente.

E, agora, as questões antropológicas que são comungadas planetariamente por razão da *cultura-mundo*, acerca de costumes e modos de vida, mas também de produção cultural, são estas: crises de identidade, distúrbios de personalidade; cosmopolitização dos medos; celebridades irrelevantes como bem cultural planetário; gênios sem obras; arte contemporânea no domínio do qualquer coisa; banalização e hermetismo da pesquisa nas universidades; troca do intelectual pelos gurus do viver melhor; abundância da informação em troca da raridade do saber; bens culturais produzidos indiscriminadamente, para todos, fundamentados na retórica da simplicidade e consolidação de um “cibermundo hipertélico”.

Disseminados em todo o livro, esses pontos são discutidos e lamentados pelos autores, como se fossem as únicas marcas que a *cultura-mundo* está imprimindo atualmente.

Quando se olha a atualidade com os filtros do passado, é difícil sentir conforto diante de padrões completamente irreconhecíveis e muitas vezes revoltantes. É doloroso sair de um mundo ordenado e previsível e tentar assumir as rédeas do inusitado. Uns vociferam teorias, outros se entregam. Outros desistem.

Lembrando Gilbert Durand, pode-se dizer que, na contemporaneidade, apagaram-se as luzes do mundo. E andar noturnamente é incerto e imprevisível. Dominador, dominado, eu, mundo, outro são instâncias que perdem as linhas cintilantes do limite e misturam-se num todo indiferenciado. Se, à luz, empunhando os limites, é possível duelar e vencer, plenitude do poder; à sombra, emaranhado no todo, é possível sentir e suportar, plenitude da potência. Sabe o homem andar sozinho com sua potência? Ou, de outra forma, sabe o homem aceitar sua potência sem precisar de regras?

Pensar a cultura carrega a discussão, inevitavelmente, para o terreno do juízo de valor: o que é uma boa cultura? E o que seria uma cultura boa? Boa cultura é aquela classificável em cinco estrelas? Cultura ruim é aquela com menos de duas por falta de adesão?

Cultura boa é aquela na qual os homens estão inseridos num sistema de símbolos, mas não o binário? Para classificar uma cultura boa basta escolher o melhor sistema? Melhor segundo quais critérios?

Conforme os autores, interpretar as comunidades que se multiplicam na internet como um sinal de que o indivíduo está retomando seu lado gregário e, com isso, redimensionando a cultura, é ingênuo. As escolhas são todas reversíveis a um clique. Não há comprometimento duradouro.

Pensa-se, com isso, em quais aspectos as comunidades, vinculadas e comprometidas, poderiam ser consideradas melhores referências para a cultura do que as virtuais? Questionando a dimensão do comprometimento, em qual dessas modalidades de comunidade a essência do indivíduo se apresenta mais claramente: na obrigatoriedade de ficar até o fim ou na liberdade de sair sem julgamento? Essas questões não estão no livro. São reflexões que surgem por seu intermédio e o ultrapassam. O que valida a temática e a abordagem por provocar o debate sobre as valorações (e expectativas) que se têm da cultura em si.

Lipovetsky e Serroy dualizam uma noção de cultura legítima e autêntica contra uma *cultura-mundo* esvaziada de sentido e desorientadora do indivíduo. Para além do julgamento da vitória de uma delas, há uma sinalização, uma indicação prática para se confortar a débil *cultura-mundo*. Porém, cabe ressaltar, os autores parecem querer situar-se longe das prescrições utópicas: “não sonhemos, jamais redescobriremos o mundo das certezas e dos equilíbrios anteriores. A era do código unificado do sentido está irremediavelmente perdida” (p. 196).

Urge, segundo os autores, habilitar uma nova cultura geral. Ela pode começar a ser construída por uma universidade repensada e engajada. A essência de uma nova cultura precisa distanciar-se da busca incessante pela profundidade da alma, mas, também, da entrega individual à superficialidade do consumo. Parafraseando os autores, a cultura teria outra missão: educar, socializar, dar um propósito aos homens. Conceder que mudem de vida. Impor limites à desorientação, possibilitar que os indivíduos tenham autoestima e sintam-se seguros, apesar dos riscos, em assumir o papel de protagonistas de suas vidas (p. 198).

A solução não prega o fim da sociedade capitalista, a caça às imagens, à socialização mediada, mas o amparo ao indivíduo. A *nova-cultura-mundo* precisa “apenas” resgatar seus filhos e propiciar a estrutura mínima para que andem, confiantes, em direção à realização da própria vida. Os autores sugerem uma saída e, principalmente, ao contrário de muitos outros, acreditam na saída. Isso porque defendem que a *cultura-mundo* não é um fato, mas um questionamento.

Espera-se que sim. ●